



*Pela Salvaguarda e Protecção  
dos Patrimónios!*



[www.cta.ipt.pt](http://www.cta.ipt.pt)

N. 10 // julho 2019 // Instituto Politécnico de Tomar

**PROPRIETÁRIO**

Centro Transdisciplinar das Arqueologias, Instituto Politécnico de Tomar

**EDITORA**

Ana Pinto da Cruz, Instituto Politécnico de Tomar

**DIRECTORES-ADJUNTOS**

Helena Moura, Rodrigo Banha da Silva, Vasco Gil Mantas, Thierry Aubry

**DESIGN GRÁFICO**

Gabinete de Comunicação e Imagem, Instituto Politécnico de Tomar

**EDIÇÃO E SEDE DE REDACÇÃO**

Centro Transdisciplinar das Arqueologias, Instituto Politécnico de Tomar

**PERIODICIDADE**

Semestral

**CONSELHO CIENTÍFICO**

Professora Catedrática Doutora Primitiva Bueno Ramírez, Universidad de Alcalá de Henares

Professor Catedrático Doutor Rodrigo Balbín Behrmann, Universidad de Alcalá de Henares

Doutor Rossano Lopes Bastos, Arqueólogo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Superintendência Estadual em Santa Catarina/Brasil (IPHAN/SC)

Doutor e Livre Docente pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade De São Paulo.  
(MAE/USP)

Doutor Thomas W. Wyrwoll, Forschungsstelle für Archäoikonologische Theriologie und Allgemeine Felsbildkunde (FATAF) / Institut für Theriologie und Anthropologie

**ISSN**

2183- 1386

**Latindex** folio nº 23611

**ANOTADA DA ERC  
REGISTADA NA INPI**

Os textos são da inteira responsabilidade dos autores



# Índice

<b>EDITORIAL</b> .....	06
<b>OS PERSONAGENS HOMÉRICOS NO QUOTIDIANO LUSITANO</b> José d'Encarnação .....	08
<b>O MONITORAMENTO ARQUEOLÓGICO NA CONSTRUÇÃO DA FERROVIA TRANSNORDESTINA: DESAFIOS METODOLÓGICOS NO LICENCIAMENTO DE PROJETOS DE GRANDE EXTENSÃO</b> Luciana Bozzo Alves, Luiz Antonio Pacheco de Queiroz e Catarina Menezes Ferreira .....	21
<b>OS DOCUMENTOS ARQUEOLÓGICOS NO ENSINO DE HISTÓRIA: UMA EXPERIÊNCIA ATRAVÉS DE JOGOS</b> Ana Lúcia do Nascimento Oliveira, Jonas Clevison Pereira de Melo Júnior .....	45
<b>FORTES E FORTALEZAS COMO “LUGARES DE MEMÓRIA”: O CASO BRASILEIRO</b> Edgley Pereira de Paula .....	66
<b>ANÁLISE ESTÁVEL DE ISÓTOPOS APLICADA À ZOOARQUEOLOGIA - CONCEITOS, EXEMPLOS E CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DO PASSADO -</b> Cátia Sofia Machado Teixeira .....	71
<b>ARQUIVO E FUNDO ARQUIVÍSTICO – CONCEITOS, LEGISLAÇÃO, NORMALIZAÇÃO</b> Joaquim Pombo Gonçalves .....	90
<b>O ENTALHADOR JOSÉ MANUEL MACHADO: BREVES NOTAS DE INVESTIGAÇÃO</b> Miguel Portela .....	105
<b>L'ARCHÉOTOURISME DANS LE SUD MAROCAIN, VERS UNE DURABILITÉ DES SITES RUPESTRES</b> Naima Oulmakki, Faysal Lemjidi e Mustapha El Hamri .....	132
<b>LE SYSTÈME OASIEN DE LA PALMERAIE DE MARRAKECH: RICHESSES ET VALORISATION D'UN PATRIMOINE CULTUREL</b> Hicham Saddou .....	151
<b>AS CASAS VERDES: A BUSCA POR UMA MORADIA DE OPERÁRIOS DO INÍCIO DO SÉCULO XX EM RIO GRANDE, RIO GRANDE DO SUL, BRASIL</b> Paulo Eduardo de Oliveira Enéas .....	171

# OS PERSONAGENS HOMÉRICOS NO QUOTIDIANO LUSITANO

## HOMERIC PEOPLE IN THE ROMAN EPIGRAPHY OF LUSITANIA

José d'Encarnação

Universidade de Coimbra  
Faculdade de Letras  
Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património  
Rua Eça de Queiroz, 89  
Pampilheira  
P – 2750-662 Cascais  
[ide@fl.uc.pt](mailto:ide@fl.uc.pt)

# Os Personagens Homéricos no Quotidiano Lusitano

José d'Encarnação

## Historial do artigo:

Recebido a 05 de maio de 2019

Revisto a 10 de junho de 2019

Aceite a 05 de julho de 2019

## RESUMO

Depois de se dar sucinta conta do interesse do livro de Pierre Carlier (1949-2011), *Homero*, mostra-se como há nos antropónimos patentes na epigrafia romana da Lusitânia Ocidental reflexos claros do mundo homérico, mormente no meio servil e de libertos. A pesquisa levada a efeito acerca da ocorrência do nome *Helene* a nível peninsular pode ser, nesse aspecto, encarada como estudo de caso.

**Palavras-chave:** Homero, Poemas homéricos, antroponímia grega, epigrafia.

## ABSTRACT

After a brief note about *Homero*, book of the Professor Carlier (1949-2011), an analysis of the anthroponomy revealed by epigraphic monuments of the Occidental Roman Lusitania shows clear reflexes of the Homeric world, almost in the circle of slaves or freemen. The occurrence of the name *Helene* may be considered as case study.

**Key-words:** Homero. Homeric poems, Greek anthroponomy, Roman Epigraphy

*In memoriam de Pierre Carlier*

(1949-2011)

## 1. Introdução

Itineravam os estudantes no decorrer da Idade Média, buscando nesta ou naquela Universidade renomados mestres de saber especializado. Itinerantes eram também os poetas e os músicos, animadores de cortes e palácios, à semelhança, aliás, dos aedos de tempos homéricos e não só.

Renovou o programa ERASMUS essa tradição, enriquecedora de estudantes e de docentes. Foi Pierre Carlier (1949-2011) um dos que mais entusiasticamente abraçou essa possibilidade, despertando por toda a parte redobrado interesse pelo estudo de uma época amiúde postergada por quantos imaginam poder entender-se a Cultura actual sem se conhecerem os mitos imorredoiros da gesta troiana ou as peripécias de um Ulisses, figura em que, afinal, todos acabamos por nos rever, tão paradigmáticas as suas errâncias se revelam.

E esse legado pré-helénico não teve eco apenas na Europa, herdeira privilegiada do saber clássico: estendeu-se à América do Sul, por via de portugueses e de espanhóis.

Não admira, pois, que a síntese da investigação levada a efeito por Pierre Carlier sobre Homero haja merecido tradução em língua portuguesa com vista à sua divulgação em Portugal e no Brasil (Carlier, 2008).

Como não pode causar admiração que, já em tempos romanos, na Península Ibérica, as inscrições revelem a adopção, por parte da população residente, de antropónimos colhidos nos relatos homéricos.

Neste âmbito, ocorrerá interrogarmo-nos, desde já, se tal adopção corresponderá – ou não – a simples moda sem grande conteúdo cultural envolvente.

Não acredito, de facto, no que à actualidade diz respeito, que, v. g., a atribuição do nome Aquiles a uma criança implique obrigatoriamente amplo conhecimento da *Ilíada* por parte dos pais. O ‘mecanismo’ a que obedece a escolha do nome é, como se sabe, extremamente complexo, ainda que possam rastrear-se tendências. No Brasil, os nomes ligados à mitologia clássica assumem, de um modo geral, o desejo de ostentar cultura e ligação às raízes clássicas (Encarnação, 2011, p. 301-312); na Roménia, a profusão de nomes próprios latinos constituiu forma de resistência à influência eslava...

Poderá considerar-se Homero um símbolo da cultura grega; proponho-me, por isso, referir-me à edição em língua portuguesa de uma das obras mais significativas de Pierre Carlier e apresentar breves apontamentos sobre o reflexo dos temas e da onomástica homéricos em mosaicos e na epigrafia, com especial incidência na Lusitânia ocidental.

2. A edição portuguesa de Homero (vd. Figura 1.)

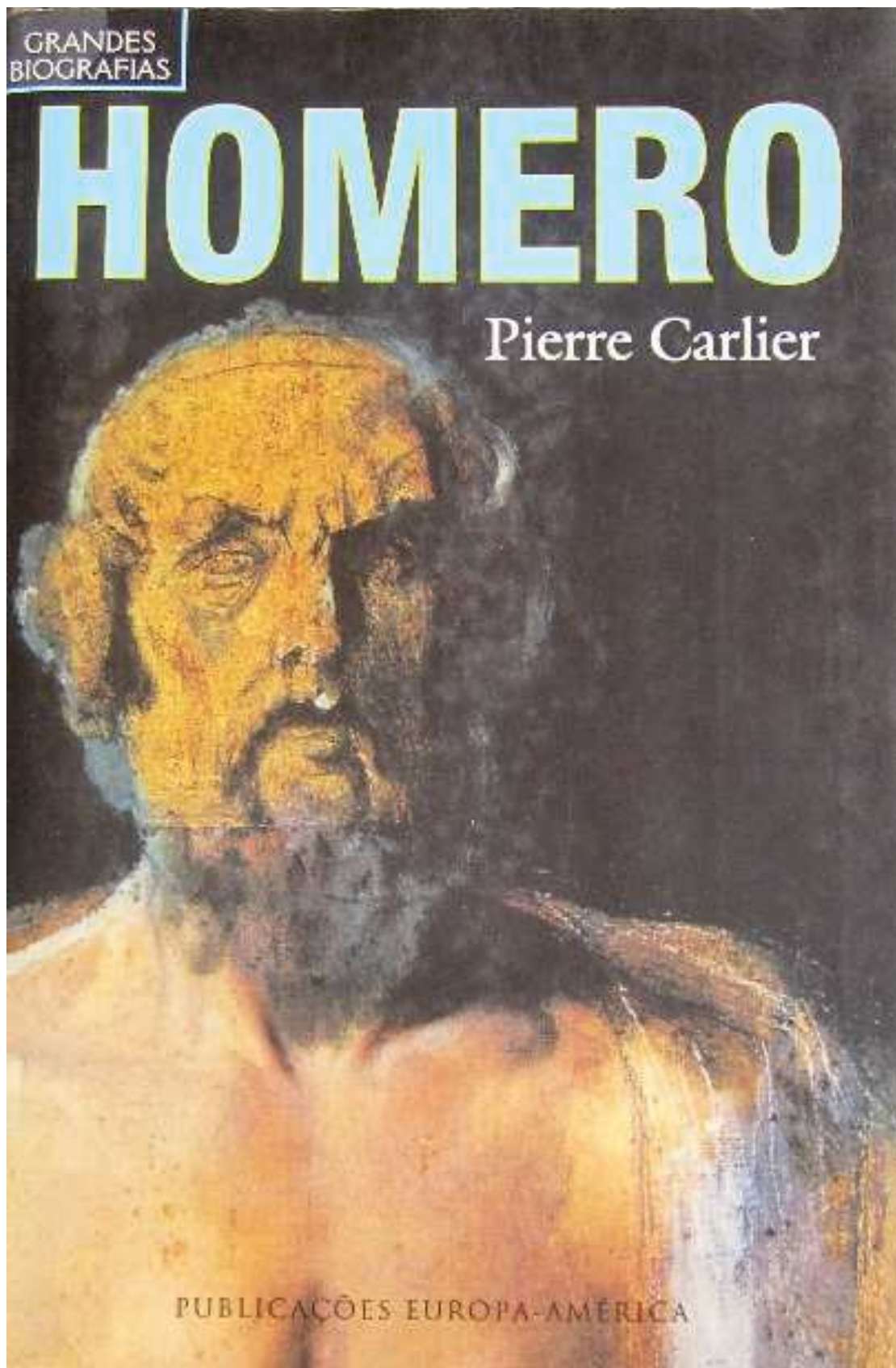


Figura 1. Capa da edição portuguesa de Homero. Fonte: José d'Encarnação.



Excelente apresentação gráfica, 302 páginas de muito fácil leitura, capa rígida, o livro mereceu a maior atenção por parte do editor.

Trata o I capítulo do enquadramento histórico, traçando uma panorâmica do que se conhece acerca do período que vai desde o mundo micénico às cidades arcaicas, com especial realce para as características da «Idade do Bronze no mundo egeu».

No II capítulo, «Génese e transmissão dos poemas», analisa-se a tradição da poesia oral e, conseqüentemente, como poderiam ter sido compostos os poemas homéricos, como foram passados a escrito e transmitidos, para, a terminar, se discutir a eterna questão: existiu Homero? Houve um poeta para a *Ilíada* e outro para a *Odisseia*? Conclui P. Carlier:

«A hipótese mais simples é, pois, atribuir as duas epopeias a dois aedos diferentes. O poeta da *Odisseia*, que conhece bem a *Ilíada*, procurou rivalizar com a arte do seu grande predecessor, mas também marcar a sua distância em relação às concepções políticas e religiosas deste último.» (p. 83).

Sintetiza-se, no III capítulo, o conteúdo dos 24 cantos da *Ilíada*. No capítulo IV, ao invés, P. Carlier demora-se numa análise mais pormenorizada, não apenas no que concerne à estrutura do poema mas também explicitando as errâncias de Ulisses, os dados geográficos que aí se podem colher, o significado mais profundo dos conflitos em Ítaca.

Servem esses capítulos, de certo modo, de introdução ao grande capítulo V, que se debruça sobre o que, na verdade, como historiadores, mais nos interessa saber: constituem os poemas fontes fidedignas para se traçar o retrato das «sociedades homéricas»? A casa, a vida quotidiana económica e política, o vocabulário, as manifestações religiosas pessoais ou ritualizadas, a guerra, a justiça, os conceitos ideológicos que a tudo estão subjacentes? ...

Finalmente, no capítulo VI, «Homero e a história», pergunta-se se, na verdade, houve mesmo uma «guerra de Tróia» e se, no fundo, algo há de comparável entre estes escritos e o que a Arqueologia vem dando a conhecer. Pierre Carlier pensa que sim:

«A *Ilíada* e a *Odisseia* são documentos excepcionais para reconstituir a história a curto prazo do alto arcaísmo, para recordar a evolução a longo prazo dos reinos micénicos para as cidades gregas clássicas e, mais geralmente, para estudar a civilização grega no seu todo.» (p. 250).

E conclui:

«Homero ensina ao mesmo tempo que encanta: os Gregos tinham razão para atribuírem ao poeta o lugar central na sua cultura e nós devemos mantê-lo no cerne da nossa.» (*ibidem*).

Interessantes anexos sobre os documentos minóicos, uma tábua de Micenas, os escribas, a classificação das tábuas em linear B, um exemplo de análise global que se centra nas operárias palacianas, as funções e os títulos micénicos, assim como uma bibliografia exaustiva, um índice onomástico, os mapas e as ilustrações complementam eficazmente um volume que é, sem dúvida, do maior interesse.

### 3. Os temas e a onomástica homéricos

#### 3.1. Nos mosaicos

Assiste-se, no século IV, como Jean Gagé (1964, p. 250 e 262) bem o salientou, a uma espécie de primeiro renascimento clássico e pagão; daí que a cultura e as virtudes políticas sejam alvo de amplos

elogios (Neri, 1981). Haviam-se perdido, contudo, muitas informações e tornava-se, por isso, necessário identificar personagens mitológicos que já não faziam parte do quotidiano ou que, dele fazendo parte, poderiam ser de difícil figuração.

Na verdade, como muito bem explicitou Pierre Carlier (1999, p. 10-11), « (...) *si la figure d'Homère restait assez floue pour les Anciens (en dépit des Vies romanesques auxquelles leurs auteurs mêmes ne croyaient pas vraiment), les deux grands poèmes homériques ont été dès le IV<sup>e</sup> siècle av. J.-C. à coup sûr, et probablement dès le VIII<sup>e</sup> siècle, au cœur de l'éducation et de la culture grecques. Au V<sup>e</sup> siècle, les enfants athéniens apprenaient à lire sur des extraits d'Homère, et à jouer de la cithare en récitant des vers d'Homère (...)*».

Não admira, pois, que sejam frequentes, nos mosaicos de *villae* do século IV, cenas relativas a passagens dos poemas, sendo privilegiada a representação de Ulisses atado ao mastro do seu barco para fugir à sedução do canto das sereias, de que temos um exemplo, achado na *villa* de Santa Vitória do Ameixial (*Conventus Pacensis*) e que se encontra no Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa (Alarcão, 1983, p. 203).

Valerá a pena interrogarmo-nos, a este propósito, se a doutrina cristã já então corrente não haverá exercido nessa opção a sua influência. Não será ilegítimo pensar que, a exemplo do que fez Santo Agostinho em relação aos miliairos romanos, servindo-se deles para os seus sermões (Salama, 1988), os Padres da Igreja hajam utilizado a cena de Ulisses e das sereias para incitarem os Cristãos a não sucumbirem às tentações. Aliás, Pierre Carlier o deixa entender quando escreve:

«Les Sirenes ressemblent au serpent de la *Génèse* puisqu'elles causent la perte des humains en leur promettant le savoir» (1999, p. 213).

Mais admirável ainda será o magnífico mosaico identificado na aldeia de Vichten, no Luxemburgo: um painel apresenta as nove Musas identificadas com legenda, em registos octogonais que envolvem o medalhão central onde estão representados Homero e Calíope (**vd. Figura 2.**), que, segundo uma lenda, seria sua mãe (Güntheroth, 1995).

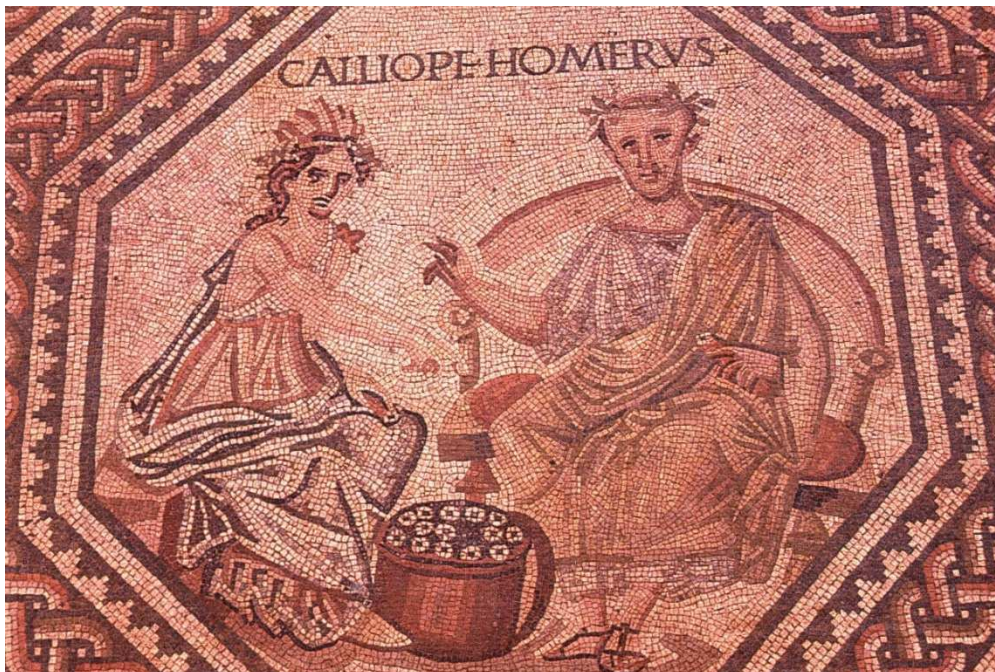


Figura 2. Pormenor do mosaico identificado no Luxemburgo (*in Stern*). Fonte: José d'Encarnação.

### 3.2. Na epigrafia do conventus Pacensis

É, contudo, nos monumentos epigráficos que os ecos dos poemas homéricos mais se fazem sentir.

Não é minha intenção fazer uma pesquisa sistemática acerca da atribuição, a pessoas, de nomes retirados dos poemas homéricos. Seria necessária, antes de mais, uma recolha exaustiva dos nomes consignados em ambos os poemas e, depois, cingindo-nos a um espaço geográfico determinado, tentar ver – mormente nos epitáfios – quem se identifica, e como, com esses nomes. Essa análise repetir-se-ia em variados pontos do antigo Império Romano, de modo a, no final, se ter uma ideia mais precisa do que foram, então, as correntes culturais.

Poder-se-ão, a título de exemplo, assinalar alguns testemunhos retirados das epígrafes do *Conventus Pacensis* (Encarnação, 1984).

– IRCP 41 (Quinta de Marim, Olhão): em cupa de calcário, *Patroclus* toma a iniciativa de mandar lavar o epitáfio de *Avintina*, falecida aos 35 anos (vd. **Figuras 3 e 3a**). Não há indicação de parentesco, o que deixa suspeitar tratar-se de um casal de escravos.



Figura 3. Cupa funerária em que se refere um *Patroclus*. Fonte: Guilherme Cardoso.

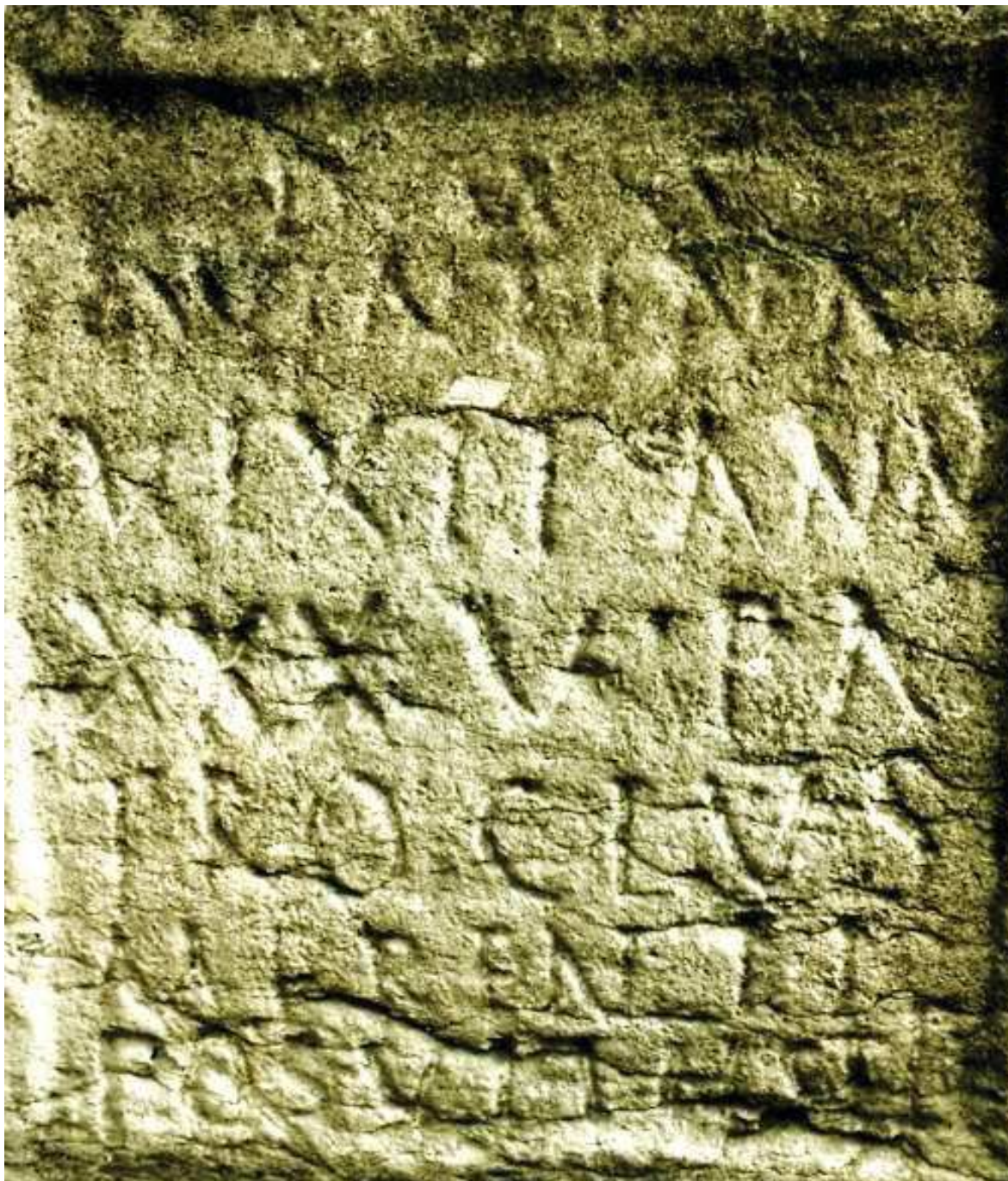


Figura 3a. Cupa funerária (inscrição) em que se refere um *Patroclus*. Fonte: Guilherme Cardoso.

– IRCP 53 (*ibidem*): em graciosa estela, que ostenta uma pinha (símbolo de eternidade ligado a Átis) a meio do frontão, foi gravado o epitáfio de *Troilus*, que apenas viveu 30 anos e 4 meses (vd. Figura 4.).

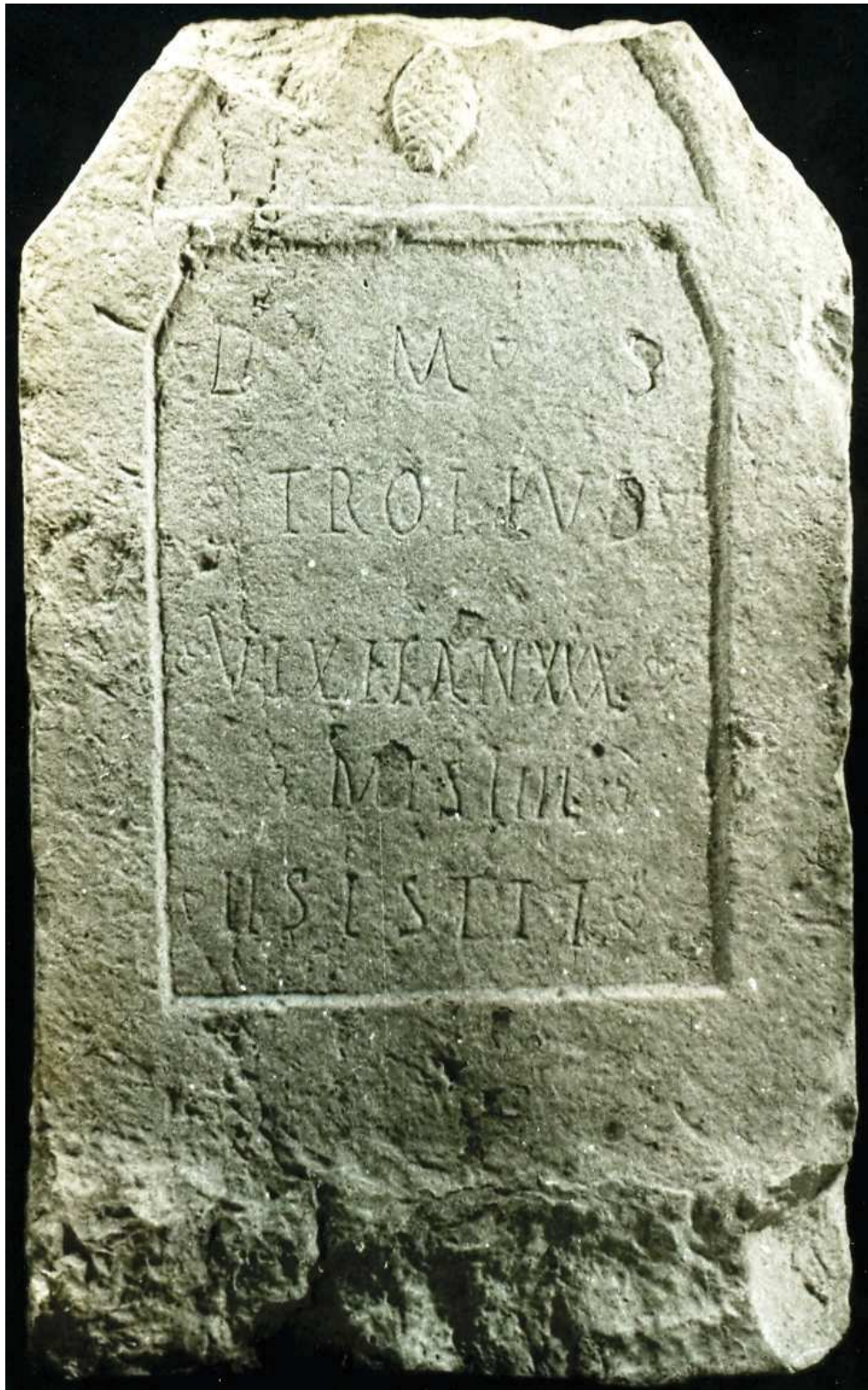


Figura 4. Estela funerária de *Troilus*. Fonte: Guilherme Cardoso.

Não há indicação de dedicante nem de estatuto, mas não admiraria que se tratasse também de um escravo. Em Cádiz, regista-se, aliás, um *Troilus*, que se identifica como *retor graecus* (HEpOL 1370), actividade geralmente exercida por escravos.

– IRCP 190, de Alcácer do Sal (*Salacia*): numa placa, possivelmente funerária, identifica-se *Sextus Appuleius Priamus*. Dado que a epígrafe se encontra incompleta, não é possível saber o seu enquadramento textual (nem sequer o arqueológico). Recorde-se, porém, que *Salacia* deteve, desde muito cedo, amplas relações com o Mediterrâneo oriental (Mantas, 1996).

– IRCP 429, de Coruche, em terrenos adjacentes ao rio Tejo: a *M. Menelaus*, que viveu 50 anos, coloca *Victorina* epitáfio, declarando-o *maritus merentissimus*. O facto de o *nomen* se ocultar sob uma sigla (quer por ser aí bem conhecida a família a que *Menelaus* estava adscrito, decerto pela sua dependência como liberto, quer porque a esposa preferiu recordá-lo com o primeiro nome, o de escravo) e, por outro lado, o uso de uma expressão de ternura não muito frequente – *maritus merentissimus* –, a recordar o que Georges Fabre bem assinalou a propósito das inscrições de libertos em Roma (1981, p. 191-195), são dois índices que me levam a considerar estarmos, na verdade, na presença de libertos.

– IRCP 465: desconhece-se o local de achado e o paradeiro desta inscrição, que um autor do século XVI inclui entre os muitos monumentos epigráficos dedicados, em importante santuário, a *Endovellicus* (Terena, Alandroal). Apesar de ser apenas essa a referência ao texto, não se pensa haver motivo para duvidar da sua autenticidade. Aí se escreve que *Laudice* [sic] mandou gravar o epitáfio do seu *maritus piissimus, Publius Petronius Cautin(us)* falecido com a propecta idade de 91 anos. Arriscado será elucubrar sobre o verdadeiro significado – e, até, a origem etimológica – do *cognomen Cautin*, que sempre se completou como *Cautinus*, relacionando-se com o adjectivo *cautus*, «cuidadoso», «prudente», soando-nos ao ouvido o advérbio latino *cautim*, «cautelosamente»; mas, se optarmos por uma etimologia grega? «Cautós» significa, em grego, «escaldante», «ardente», adjectivo que, em linguagem metafórica, facilmente se pode situar no campo das relações amorosas e, por essa via, no mundo dos escravos e libertos. Sendo assim, não apenas *Laudice* seria escrava ou liberta, também o marido o poderia ser.

### 3.3. O caso de Helene na Península Ibérica

Por na epigrafia de *Olisipo* sempre me ter chamado a atenção a elegante e singela de uma placa funerária de mármore, patente no Museu Nacional de Arqueologia, em que surge o nome *Helene* (HEpOL, registo nº 25 083), pareceu-me que poderia ensaiar-se, aqui, como estudo de caso, a ocorrência desse nome e as circunstâncias em que ele se documenta, até porque, se a bravura de um Heitor ou de Aquiles constituem tópicos da literatura universal, a beleza escultural de Helena foi e será sempre celebrada, inclusive em filmes célebres: recorde-se *Helen of Troy*, de 1955 (Itália, EUA), dirigido por Robert Wise, tendo como protagonistas Rossana Podestà, Jacques Sernas, Cedric Hardwicke e Stanley Baker. Ou, também com o mesmo título, essoutro filme realizado por John Kent Harrison (2003 – Grécia, Malta, EUA), com os actores Sienna Guillory (Helena), Matthew Marsden (Páris), Rufus Sewell (Agamémnon), John Rhys-Davies (Príamo) e James Callis (Menelau).

Sem molduração (vd. **Figura 5.**), foi achada, em Agosto de 1903, no que eram, então, subúrbios da cidade de Lisboa, por ocasião de trabalhos urbanísticos (Campos, 1904). Lê-se perfeitamente: *D(is) M(anibus) / Licinia / Helene / ann(or)um XL h(ic) s(ita) e(st)*.

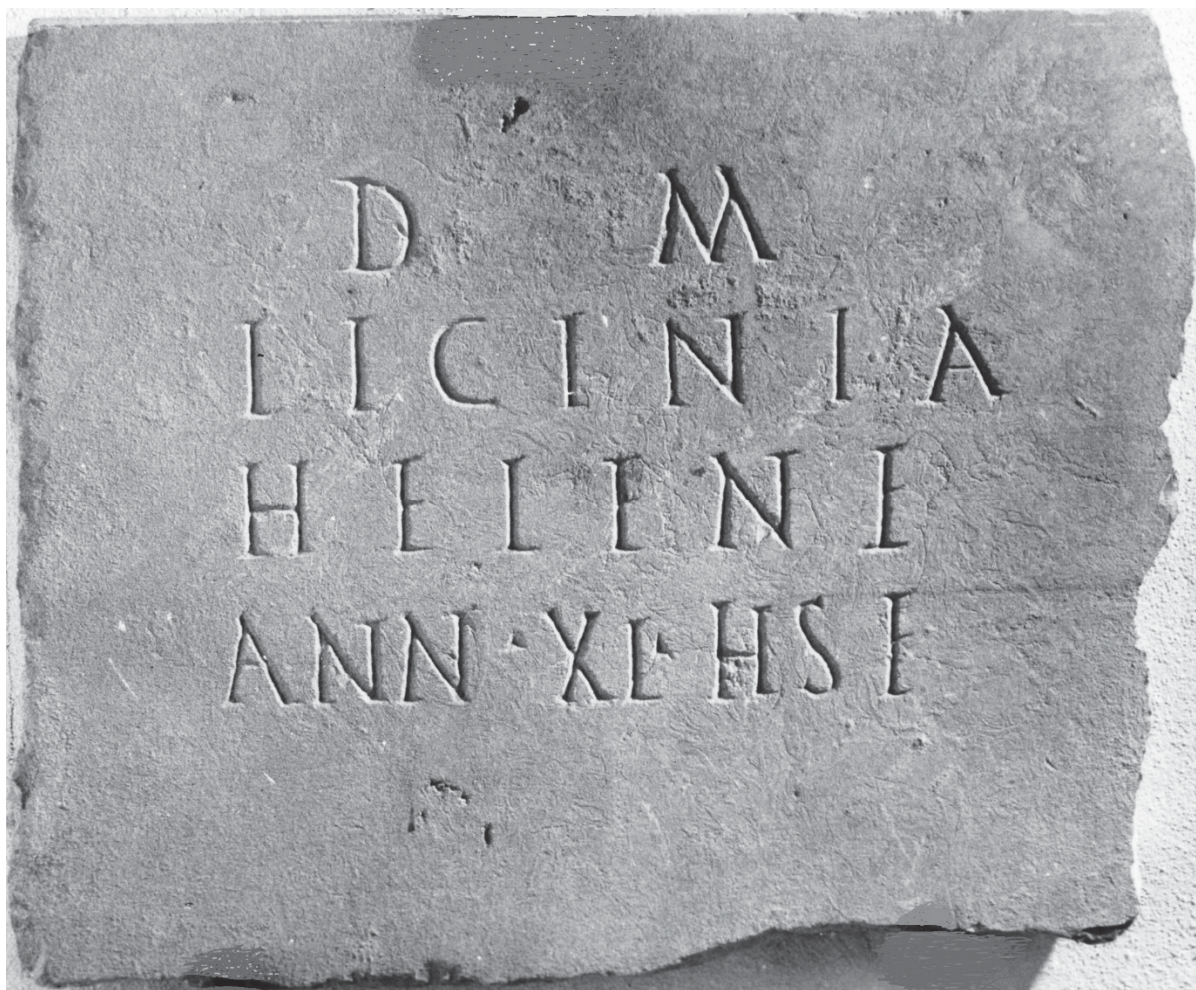


Figura 5. Placa funerária de Licinia Helene, de Olisipo. Fonte: Guilherme Cardoso.

Não querendo voltar ao significado, para mim simbólico, da idade com que faleceu (Encarnação, 2000), importa sublinhar que a defunta, pertencente a uma das famílias mais representadas na epigrafia olisiponense, vem mencionada com o *cognomen* escrito à grega, a indiciar, portanto, que será, mui provavelmente, liberta dessa família, pois que também se não menciona dedicante. Estaria a sua sepultura integrada no *ager funerarius* familiar? Creio bem que sim! Cheguei a pensar – dadas, inclusive, as suas dimensões (55 x 45 x 3 cm) – que poderia tratar-se de placa de *columbarium*; contudo, segundo as informações dadas ao autor do artigo, a placa, ainda que «à profundidade de 1,5 m, tinha a inscrição voltada para baixo»; e à mesma profundidade apareceu um crânio, à distância aproximada de dois metros (p. 60), o que levou logo a considerar que seria tampa de sepultura de inumação.

Uma breve pesquisa na base de dados epigráficos da Hispânia romana HEpOL fornece-nos os seguintes dados:

– Registo nº 1196 (*Hispalis*, Sevilha): epitáfio de *Helena*, falecida aos 68 anos; embora não seja clara a palavra que ali foi escrita, regista o formulário não muito comum na epigrafia peninsular, em que se roga expressamente ao transeunte que diga «a terra te seja leve».

– Registo nº 3864 (Córdoba): *Annia Helena* é mencionada como liberta e *uxor* do centurião (?) *Titus Acclenus*. Duas singularidades apresenta esta epígrafe: a primeira é que vem mencionado no final *Decimus Vergilius Amarantus*, de 80 anos, o que pode fazer supor que dele partiu a iniciativa de mandar lavar o epitáfio numa sepultura onde ele próprio acabaria por vir a ser sepultado, ainda que nada se explicita acerca de eventual grau de parentesco com o casal; a segunda, a inusitada expressão

*frugi summa cum probitate fide magna concordēs indigne morbo excruciatī morte obierunt*, a louvar a solidez da sua vida conjugal (a frugalidade, a probidade, a fidelidade...) em contraste com a desgraça que os vitimou: «sucumbiram atormentados por indigna doença»... Ainda que de elevado teor poético, como que numa tentativa de doirar acontecimento tão infausto, o texto não é métrico, mas dele ressumbra, não há dúvida, um ambiente cultural invulgar.

– Registo nº 6604 (Postoloboso, Candeleda, Ávila): a dedicatória, incompleta, *Deo Velico*, mandada colocar por *Marcia Helene*, decerto em cumprimento de promessa feita a esta divindade indígena, passível de ser identificada com uma das divindades mais veneradas na Lusitânia, *Endovellicus* (IRCP, p. 800-805).

– Registo nº 8079 (Tarragona): Trata-se de um texto invulgar (ILS 8271), porque destinado a um jazigo de família, mandado erigir, em vida, por *Publius Rufius Flaus* a sua esposa *Antonia Clementina*, *in memoriam perpetuam*, acrescentando: *hortos coherentes sive suburbanum tradidit lib(ertis) libertabusq(ue) ex familia ux(or)is Marullo Antroclo Helenae Tertullinae excepitq(ue) ne quis eos venderet set(!) per genus ipsorum posses(s)io decurreret vel per atnatos vel manumissos*, ou seja, que os hortos e o terreno adjacente sejam reservados, intransmissíveis, para quatro libertos de sua mulher, entre os quais se cita uma Helena; mais uma vez, portanto, o nome dado a uma liberta. Este texto revela-se, aliás, de grande interesse até do ponto de vista jurídico; veja-se, a título de exemplo: Blanch Nougés, 2008, p. 84.

– Registo nº 12 011 (León): um epitáfio, seguramente em meio servil (sabidamente ocultado pelos formulários usados). A defunta, *Helene*, falecida com 23 anos, 8 meses e 8 dias – e logo esta especificação pormenorizada do seu tempo de vida deixa transparecer a dor dos familiares... – é lembrada por seus pais, *Hermodorus* e *Sextilia*, assim como por seu marido, *Martialis*.

– Registo nº 12 795 (Hellín, Albacete): No Museo Arqueológico Provincial de Albacete expõe-se a parte superior duma estela paralelepípedica trapezoidal, com frontão semicircular, onde apenas se lê *Hele(na) Graeca*. O adjectivo poderá, neste caso, referir expressamente a naturalidade, o que reforça, contudo, a possibilidade quase segura de estarmos perante a menção de uma escrava.

– Registo nº 13 376 (Sagunto): Uma placa dá conta de que, certamente por ocasião do infausto falecimento de sua filha, *Caecilia Helene*, com apenas 22 anos, os pais, *Quintus Caecilius Epagathio* e *Caecilia Aucta*, prepararam em vida o sepulcro. Comentando que o nome «Helene o Helena abunda pertot arreu, principalmente entre persones d'origen servil», acrescenta J. Corell (2002, nº 140, p. 238-240): «Es tracta sens dubte d'una família de lliberts, que formarien part de la poderosa gens saguntina dels Caecili».

– Registo nº 18 947 (Conimbriga, Condeixa-a-Velha): *Sulpicia Phoebe* perpetua a memória de *Sulpicia Helene*, *filia piissima*, fenecida com 25 anos apenas.

– Registo nº 21 430 (Conimbriga, Condeixa-a-Velha): a desdita de *Arquia Helena* que tem de consagrar aos deuses Manes os seus três filhos, Heleno, de 33 anos, Festiva, de 18, e Augustina, de 15. Tanto neste caso como no anterior, o ambiente é seguramente servil e, depois, de libertos (Étienne et alii, 1976, inscrições nºs 54 e 66).

– Registo nº 21 557 (Mérida): a memória de *Attennia Helene*, falecida aos 75 anos, é perpetuada pelos seus libertos *Thetis*, *Rusticilla* e Pamphilus.

– Registo nº 25 632 (Alange, Badajoz): o epitáfio singelo, sem menção de dedicante, de *Albicia Helena*, identificada como *C(aii) lib(erta)*.



Creio bem que este exercício alargado a outros nomes das epopeias ‘homéricas’ daria idêntico resultado, não apenas no que concerne à Hispânia romana mas também a outras áreas do Império: a cultura literária dos *patroni* ou dos *domini* deliciosamente se reflectia na atribuição desses nomes àqueles que integravam o seu agregado familiar mais próximo. E uma análise mais aturada da distribuição geográfica e social dos testemunhos confirmaria a direcção em que este mui singelo excuro aponta desde já: um ambiente social e economicamente acima da média; o predomínio em contexto urbano e, dentro deste, em contexto litoral.

#### 4. Conclusão

Não restam, pois, dúvidas de que os episódios dos «poemas homéricos» tiveram ampla repercussão desde sempre, porque, no fundo, eles acabam por retratar situações paradigmáticas da vida do Homem sobre a terra. Na *Ilíada*, a guerra, as suas contingências, os seus objectivos, os pontos fracos dos seus personagens, as astúcias matreiras, a luta sangrenta travada por uma paixão... Na *Odisseia*, todo o percurso acidentado da existência humana, num mar cheio de encantos e de perigos...

Não admira, pois, que eles constituam, em todos os tempos, ponto de referência inclusive na educação dos jovens, a quem os episódios eram comentados e por quem, amiúde, seriam aprendidos de cor...

Fruto, sem dúvida, de uma tradição oral, que colheu inspiração ao longo do tempo e do espaço e onde a acção dos aedos terá sido fundamental, os «poemas homéricos», designadamente a *Odisseia*, podem assumir-se como testemunho da vontade que o Homem sempre teve de ir mais além – de si próprio, do seu agregado familiar e social próximos, do seu território natal. Um estudioso desses poemas e dessa recuada época, como o foi Pierre Carlier, não poderia, pois, deixar de se imbuir desse espírito multiculturalista, dessa vontade de peregrinar levando aos mais diversos públicos o testemunho vivo de uma sociedade paradigmática, onde, ainda que em embrião, já estavam todos os conflitos, todos os amores, todos os heroísmos...

E evocando, de certo modo, os contactos de Pierre Carlier com a Hispânia, interrogámo-nos: será que das personagens ‘homéricas’ houve eco em tempos romanos? Patenteiam-se nas epígrafes do Alto Império aqui identificadas nomes que possam com elas directamente relacionar-se? Verificámos que sim, desde os primeiros tempos, de modo especial na onomástica de escravos e de libertos – o que é perfeitamente compreensível, pois desta sorte os senhores patenteavam a sua cultura. Demos alguns exemplos, como que a aliciar um estudo mais aprofundado sobre o tema e o testemunho da presença do antropónimo *Helene/Helena* entendemo-lo como um ‘estudo de caso’, eventual exemplo para outras pesquisas a fazer.

Neste âmbito da época romana, uma dúvida pode surgir: tiveram estes romanos conhecimento directo dos «poemas homéricos» ou viveram-nos mediante a leitura dos poetas latinos (Ovídio, Virgílio...)? A questão não é de resposta fácil e convincente, estou em crer; contudo, o mais plausível é que, nesta zona mais ocidental do Império, onde o latim era a língua dominante, os nomes ‘homéricos’ hajam chegado de preferência por essa via intermediária.

#### BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

Alarcão, J. (1983). *Portugal Romano*. Lisboa: Editorial Verbo.

Blanch Nougues, J. M. (2008). *Régimen jurídico de las fundaciones en derecho romano*. Dykinson.

- Campos, M. J. (1904). Nova lapide funeraria dos suburbios de Olisipo. *O Archeologo Portuguez*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. 9, p. 59-60.
- Carlier, P. (1999). *Homère*. Paris: Fayard.
- Carlier, P. (2008). *Homero*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- Corell, J. (2002). *Inscripcions Romanes del País Valencià*. IA – *Saguntum i el Seu Territori*. València, Universitat de València.
- Dessau, H. (1974). *Inscriptiones Latinae Selectae (=ILS)*. Dublin/Zurique.
- Encarnação J. d' (1984). *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis – Subsídios para o Estudo da Romanização*. Coimbra: Instituto de Arqueologia. [= IRCP].
- Encarnação, J. d' (2000). Morrer aos 40 anos na Lusitânia romana. *Sociedad y Cultura en Lusitania Romana*. Mérida: Junta de Extremadura, p. 241-247.
- Étienne, R. et al. (1976). *Fouilles de Conimbriga, II – Épigraphie et Sculpture*. Paris : De Boccard.
- Fabre, G. (1981). *Libertus – Recherches sur les rapports patron-affranchi à la fin de la République Romaine*. Roma : École Française de Rome.
- Gage, J. (1964). *Les classes sociales dans l'Empire romain*. Paris: Payot.
- Güntheroth, H. (1995). Kunstwerk vor dem Kuhstall, *Stern* 20, 11-05-1995, p. 214-215.
- Mantas, V. G. (1996). Comércio marítimo e sociedade nos portos romanos do Tejo e do Sado, in Filipe, G. e Raposo, J. [coord.] – *Ocupação Romana dos Estuários do Tejo e do Sado*. Seixal, Câmara Municipal, Publicações Dom Quixote, p. 343-369.
- Salama, P. (1988). La parabole des milliaires chez Saint Augustin. *Africa romana*. Sassari Dipartimento di Storia dell'Università degli Studi. 6, p. 697-708.

## DOCUMENTOS ELETRÓNICOS

HEpOL. *Hispania Epigraphica online*. [Consultada a 15 junho de 2018]. Disponível na [www<URL: http://www.eda-bea.es/>](http://www.eda-bea.es/).